

Um caso de amor e ódio

Carlos Vieira/CB



SZILÁRD COM A FAMÍLIA NA ERMIDA: PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA

Com sua mistura de futurismo e paisagem rural, a cidade costuma despertar sentimentos contraditórios

SAMY ADGHIRNI

DA EQUIPE DO CORREIO

Dizem que se chora duas vezes por Brasília. Uma ao chegar na cidade, outra ao deixá-la. A frase pode não ter sido criada por um diplomata, mas ela ilustra perfeitamente o sentimento dominante entre os funcionários estrangeiros das 101 embaixadas e representações instaladas na capital federal. Brasília perturba, surpreende, desperta amor e ódio.

A chegada da embaixatriz da Palestina, Hala Fariz Odeh, em plena seca de julho, dez anos atrás, foi traumática. Seu marido, Musa Odeh, que estava na cidade há quatro meses, lhe havia falado, por telefone, sobre a exuberância das árvores. Mas Hala deparou-se com nuvens de poeira, vegetação ressecada e um sol capaz de surpreender até mesmo gente de países áridos. “A adaptação le-

vou alguns meses”, confessa a embaixatriz.

Há casos de amor à primeira vista. O encarregado de negócios da embaixada de Camarões, Thierry Edgard, é um dos que se apaixonaram pela cidade logo na chegada. “Brasília é incrível porque tem um aspecto futurista, com prédios modernos e urbanismo arrojado e, ao mesmo tempo, vestígios rurais, com carrocinhas, cavalos e gente colhendo frutas nas árvores em plena cidade”, admira-se. Para ele, o mais difícil é dirigir em Brasília. Três dias depois de chegar à cidade, em 1997, Thierry se perdeu no trânsito e foi parar na Estrutural, às 21h. Enquanto procurava um retorno para regressar ao Plano Piloto, um pneu furou. Sozinho em uma das áreas mais perigosas do DF sem falar uma palavra de português, Thierry pediu carona e chegou a um borracheiro em Taguatinga. “O mais incrível é que passei horas com desconhecidos me comunicando apenas com gestos e mímicas”, lembra.

Com dois filhos nascidos no Hospital Santa Helena, na Asa Norte, um dos maiores fãs de Brasília é o embaixador da Suíça, Rudolf Baerfuss. Ele morou pela primeira vez na cidade entre 1982 e 1986, época em que era segundo secretário. Rudolf e a mulher, Béatrice, gostaram tanto que voltaram no ano passado. “Temos uma relação emocional muito forte com esta cidade encantadora e com céu interminável”, afirma o embaixador, adepto das caminhadas no Parque Olhos d’Água.

A tranquilidade é um dos elogios mais recorrentes a Brasília. Szilárd Teleki, conselheiro da embaixada da Hungria, trabalhou no consulado em São Paulo antes de vir à cidade e, por isso, valoriza ainda mais o sossego da capital. Szilárd, a mulher e os dois filhos adoram a Ermida Dom Bosco, onde curtem o entardecer: “Quando cheguei e vi que a cidade era plana, não imaginei que pudesse haver um lugar com uma vista pa-

norâmica tão linda”, derrama-se o diplomata, em português fluente.

Quem viveu por aqui sabe o que a cidade tem a oferecer. Mas a verdade é que Brasília ainda sofre de uma imagem ruim mundo afora. Diplomatas que não gostaram de sua passagem pela capital brasileira espalham nos corredores das chancelarias que a cidade é um “buraco” – como diz um embaixador africano. Avisado por amigos de que Brasília não oferecia opções de lazer, o jovem adido cultural da embaixada do Peru, Robert Hutchins, se preparou psicologicamente para enfrentar o desafio. “Comprei cerca de 250 DVDs, além de CDs e livros. Mas, depois de um ano, posso dizer que só assisti a três filmes da minha coleção”, comenta Robert, que tornou-se um dos filhos adotivos da capital: “Hoje não abro mão da minha Brasília”.

COLABOROU CLAUDIO DANTAS